

LITERATURA DE CORDEL E RELAÇÕES DE GÊNERO: INTERFACES NA LITERATURA EM TURMAS DE ENSINO MÉDIO

MANOEL, Livia Silva¹

liviamanu.lt@hotmail.com

RESUMO

Diante da necessidade de redirecionar o ensino de literatura brasileira no ensino médio, numa perspectiva transdisciplinar, o tema propõe o estudo da “poesia popular em versos” que, em sua diversidade, possibilita discussões sobre a realidade social, política e cultural da sociedade brasileira. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo analisar as temáticas propostas por esse tipo de literatura, enfatizando as questões relacionadas a estereótipos, imaginário e práticas que contribuem para a construção e questionamentos sobre relações de gênero. Serão analisados alguns textos dos poetas Leandro Gomes de Barros e de J. Borges. Tais discussões são relevantes, a partir do momento em que a literatura de cordel faz parte do universo da sala de aula como objeto de estudo e fonte para discussões.

PALAVRAS-CHAVE: *Literatura de cordel, relações de gênero e ensino.*

1. INTRODUÇÃO

Todo processo de ensino-aprendizagem é de fundamental importância na vida de qualquer ser humano, independentemente de sua faixa etária. É na escola que este terá contato com novas leituras que lhe possibilitarão ver o mundo de uma forma diferente. De acordo com a LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação – (art. 36, I/ 1996), o Ensino Médio:

Destacará a educação tecnológica básica, a compreensão do significado da ciência, das letras e das artes; o processo histórico de transformação da sociedade e da cultura; a língua portuguesa como instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania (grifo meu).

Com base na LDB, fica evidente que o ensino de literatura é importante na formação de alunos no Ensino Médio, pois oferece a possibilidade de contato com outras culturas e com diferentes sociedades nas mais variadas épocas, além de refletir sobre o exercício da cidadania.

Mediante o exposto, a proposta de ensino na modalidade estudada, enfatiza um diálogo entre as disciplinas, diante disso, o ensino de literatura não podia ser diferente, pois este deve estar direcionado a uma prática pedagógica transdisciplinar, dissipando assim, a fragmentação do conhecimento. Sendo assim, iremos depreender da literatura, em especial na poesia popular em versos, uma reflexão acerca das relações de gênero. Compreendemos que

¹ Aluna do curso de especialização em Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru – FAFICA

esta questão é relevante, pois a escola como espaço de formação e construção de personalidades é muitas vezes, também, produtora e/ou reprodutora de diferenças e desigualdades.

Na sociedade moderna ainda há escolas que separam, em filas, meninos e meninas, e fazem competições entre esses gêneros. Ainda há profissionais de educação que comentam que *os meninos são melhores nas disciplinas exatas, enquanto as meninas são melhores nas humanas*. A partir dessas atitudes educacionais e desses discursos discentes, é compreensível que a escola reproduza determinadas visões entre o masculino e o feminino que permeiam a sociedade.

Diante desse contexto, algumas indagações são pertinentes: É possível utilizarmos a literatura como aporte para inibir práticas discriminatórias? Por que não redirecionarmos o ensino de literatura à nossa realidade, ao invés de nos prendermos a fatos históricos? Por que estudar **apenas** os cânones dos clássicos da literatura brasileira ou estrangeira, quando em nossa região temos inúmeros poetas que representam nossa realidade em seus folhetos?

É nessa perspectiva que trataremos a importância da literatura de cordel e das relações de gênero no universo da sala de aula, com uma proposta de incentivo à formação de sujeitos críticos e reflexivos, protagonistas de nossa história.

2. SITUANDO O CENÁRIO

Quando se trata da literatura de cordel, o cenário que surge em nossa mente é a região nordeste, em virtude das significativas funções que esta arte tem desempenhado no cotidiano e no imaginário popular dos habitantes desse espaço geográfico. Apesar de esta literatura ter se difundido nesse espaço, vale ressaltar que nas últimas décadas tem conquistado lugar em todo território nacional, recebendo destaque em alguns estados do sudeste, como São Paulo e Rio de Janeiro. Isso se deu em virtude do processo migratório que se intensificou nessas cidades.

A princípio, a literatura de cordel foi trazida pelos colonizadores portugueses e tem sua origem em folhas soltas ou folhas volantes, como eram chamadas na época. Nesse contexto, GALVÃO (2009, p. 29) afirma que “os primórdios da literatura de cordel encontrada no Brasil estariam, desse modo, relacionados à sua semelhante portuguesa, trazida para o Brasil pelos colonizadores nos séculos XVI e XVII”. Pode-se observar que a poesia popular em versos teve sua entrada no Brasil desde os primeiros séculos do descobrimento, no entanto, apenas chega a consolidar-se no final do século XIX e início do século XX. A partir desse momento, suas características e sua comercialização passam a ser ampliadas definindo, assim, seu público.

A literatura de cordel, difundida na região nordeste, tem como base a literatura de cordel portuguesa, distanciando-se vários aspectos, dentre os quais podemos citar que em Portugal esse gênero era lido e escrito por pessoas da classe média, enquanto no Brasil essa produção se deu ao contrário. Outro aspecto que distingue o gênero brasileiro do português

está relacionado à métrica, pois enquanto o brasileiro apresenta algumas marcas formais como as sextilhas setessílabas (estrofes de seis versos, com esquema rítmico ABCBDB), as quadras (estrofes com quatro versos) e os poemas em dez versos, o português traz marcas mais variáveis.

É preciso evidenciar que a princípio esta arte não era denominada literatura de cordel, mas folheto, e SILVA (2007) afirma que ainda existem poetas e folcloristas que a nomeiam como *rumances*, *rumaço* ou *folhetos de feira*, sendo apenas a partir da década de 60, que tem como marco a ação dos intelectuais, que com o intuito de delimitar, caracterizar e nomear as práticas populares, adotam o termo *literatura de cordel*, nomenclatura que passa a ser incorporada pelos poetas e pelo público leitor.

Para PINHEIRO e MARINHO (2012, p. 18)

A poesia popular antes restrita ao universo familiar e grupos sociais colocados à margem da sociedade (moradores pobres de vilas e fazendas, ex-escravos, pequenos comerciantes etc.), ultrapassa fronteiras, ocupa espaços, outrora reservados aos escritores e homens de letras do país.

Com base na fala dos autores, podemos perceber que nas últimas décadas, a literatura popular em versos está ganhando espaço nos mais variados âmbitos, pluralizando e aproximando culturas, servindo de objeto de estudo para muitos pesquisadores que têm como intuito integrar o saber popular ao saber acadêmico, de modo que o primeiro não se torne esquecido pelas gerações futuras.

Segundo EVARISTO (2000, p. 120), no contexto atual, “pode-se dizer que o cordel mantém, enquanto narrativa, algumas características de origem, como a função social educativa, de ensinamento, aconselhamento, e não apenas entretenimento ou fruição individual”. Sendo assim, pode-se afirmar que este gênero passou a agregar suas funções a algumas tendências da modernidade, dentre elas, destaca-se a propagação de informações, passando a fazer parte de suas temáticas fatos do cotidiano.

A literatura de cordel é um gênero que está interligado entre a linguagem oral e a linguagem escrita, nesse sentido, é possível observar marcantes traços da oralidade em seus versos, permitindo às sociedades semialfabetizadas o contato com a escrita, por apresentar uma linguagem bastante acessível. Diante dessa singularidade, vale ressaltar que muitos de seus consumidores, mesmo sem ter o domínio da leitura, adquirem folhetos com o intuito que alguém leia para eles. É perceptível ainda, a dialogicidade desse gênero com a cultura popular e a literária, pois faz parte da vida de homens letrados e mulheres letradas, estabelecendo elos entre as diferentes culturas, produzindo e/ou recriando os estereótipos presentes na sociedade e representando os fatos históricos nas perspectivas diacrônica e sincrônica.

A literatura de cordel apresenta uma variedade temática em seus acervos, possibilitando um estudo sobre seus temas e sobre a postura que a sociedade assumia diante de um assunto em uma determinada época; porque faz um elo entre a realidade e ficção, a literatura de cordel contribui para a reprodução ou criação de estereótipos em determinada época. Diante de suas características, essa arte poética, nos leva a refletir sobre as relações de

gênero, observando a maneira como estas influenciaram ou influenciam esta arte, afetando ou não, o cotidiano de ambos os gêneros na sociedade.

3. BREVE HISTÓRICO SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO

Antes de compreendermos como se deu a evolução das relações de gênero, vale ressaltar que o termo gênero (usado aqui como divisão natural dos sexos) passa a ser utilizado no Brasil a partir da década de 70, em plena ditadura militar, momento este em que a história das mulheres afasta-se da política. SCOTT (1992) conclui que o rompimento com a política possibilitou as mulheres conquistarem seu espaço.

A partir do novo enfoque sobre as questões de gênero, os estudos que até então eram voltados para a mulher, ganham espaço e propiciam um redirecionamento nessas questões, pois o novo termo aparenta ser “desprovido de propósito ideológico imediato” (op. Cit. 1992). Nesse contexto, HEILBORN (1992, p. 39) afirma:

/.../ a significar uma mudança no patamar analítico, que talvez não tenha sido alcançado como se espera. Do sexo passou-se ao gênero, mas a categoria tem sido usada sem a percepção do alcance que deve ter como imbricada a um sistema relacional, e, se mantém algum vínculo com a base fisiológica, sua principal utilidade está em apontar a dimensão social, que em última instância é o que importa /.../

Essa nova abordagem em relação ao gênero, permite que haja uma reflexão acerca da história das mulheres e como esta passou a ser retratada na literatura. Podemos afirmar que ao longo da história a questão de gênero sempre esteve voltada às relações de poder, começando pelas formas de assujeitamento da mulher à resistência desta em busca de sua emancipação e participação social. Desde o início, existe uma contradição no modo como a mulher e suas atividades são vistas no meio social, pois:

Somos herdeiros de uma tradição sociológica que trata a mulher como essencialmente desinteressada e irrelevante aceitando como necessário, natural e profundamente problemático o fato de que, em toda a cultura humana, a mulher de alguma forma é subordinada ao homem. (ROSALDO,1979:33)

Como os valores da sociedade decorrem da história e esta tem sido controlada pelos homens, a mulher desde o início teve que se subordinar a este. Isso é confirmado, desde os primórdios da história da humanidade, como afirma AYALA (1993): “Deus tira uma costela do homem e coloca na mulher. O homem agradece a Deus e ensina a nova humana tudo que ele já sabia.” A partir desse discurso, é percebido que o processo de normatização da mulher se dá desde o início dos tempos, tendo forte influência das atividades religiosas decorrentes na época, que tinham o objetivo de delimitar a função da mulher na sociedade, para isso, era preciso estabelecer regras para seus corpos e suas almas, sujeitando-as ao ambiente doméstico.

No período colonial o fato da mulher está sujeita à maternidade, leva os homens a sentir seu poder ameaçado. Para DEL PRIORE (2009, p. 15) “a gravidez, o parto e os

cuidados com os filhos magnificavam a mulher, incitando-a a recolher-se ao privatismo da casa e, por conseguinte, faziam-na sócia do processo de ordenação colonial”. Assim sendo, a mulher exercia importante papel na procriação, fator muito valorizado na sociedade da época. Este misto de mistério que inspirava a mulher, tornava-a “o santuário do estranho”, levando o homem a iniciar o processo de adestramento desta, através do estereótipo da “santa-mãezinha”, que articulado a outros mecanismos, passou a fazer parte do processo civilizatório e da montagem do sistema colonial.

No Brasil Colônia, o adestramento feminino se deu a partir do discurso vindo da Metrópole e dos valores arcaicos da Igreja Católica, restringindo o papel da mulher a instrução e educação da prole, isso com base nos paradigmas do cristianismo. Além disso, esta deveria cuidar com presteza dos afazeres domésticos e ser submissa ao marido. A sexualidade feminina foi completamente banida desta época, pois a única finalidade da cópula era a procriação, visto que o interesse da igreja era “fazer da família o eixo irradiador da moral cristã” (DEL PRIORE, 1989, p.16).

Com o cristianismo ocidental, no período de pré-reforma, surgiu à ideia de “eleger um modelo ideal de mulher para implantar, com sucesso, a família e a fé católica na colônia” (op. cit., 1989, p. 20), logo, o corpo feminino passa a ser visto como figura de especulações, tornando-o parte integrante de um processo de assujeitamento que inibe sua sexualidade e molda sua maneira de pensar e agir, levando a uma “imagem falaciosa” de sua aparência.

Apesar da exigência de uma união matrimonial que atendessem aos interesses do Estado e da Igreja, esta era reservada às elites, deixando as mulheres das classes subalternas a mercê de relações ilícitas como o concubinato e a prostituição. No entanto, estas relações eram tidas como contrárias à lei da Igreja e do Estado, sendo as mulheres das camadas inferiores condenadas e perseguidas, já que seria mais interessante para as autoridades a constituição de relações maritais baseada no adestramento de corpos e normatização do papel da mulher.

Em meio às tensões de domesticação e práticas ilícitas praticadas na época, as mulheres passam a inculcar as vantagens que teria o matrimônio visto que, através dele, teriam maior “proteção” do que em quaisquer outras experiências alternativas, pois só passavam a integrar a sociedade colonial se constituíssem família e tivessem participação na vida espiritual. Foi assim, que as mulheres começavam a desenvolver estratégias de manutenção do poder como uma forma de resistir às explorações que eram submetidas, dessa maneira, aliavam-se a instituição que restringia seu valor e as vitimavam, pois em meio a uma sociedade patriarcal, só poderiam encontrar proteção nos tribunais eclesiásticos. Fazer parte desta “família legítima” e convencional implicava para elas uma forma de tirar “maior proveito”, caso houvesse o rompimento de esponsais.

Com o passar do tempo, as opressões sofridas pelas mulheres fizeram-na sentir a necessidade de resistir e afirmarem-se como sujeito. A partir daí, as relações de gênero começam a passar por modificações na sociedade, tecendo relações de poder mais visíveis. Nesse contexto, é perceptível que a historicidade das relações de gênero e suas modificações

são resultados das tensões e das lutas individuais e coletivas envolvendo homens e mulheres, classes e grupos sociais em diferentes épocas e locais.

À medida que a história das relações de gênero foi transformando-se, o feminino que já fazia parte do universo da literatura brasileira e estrangeira, passa a ser representado, também, na literatura popular em versos, reproduzindo ou originando arquétipos que perduram até a contemporaneidade. Diante disso, relacionar as questões de gênero à literatura de cordel no contexto escolar é pertinente, pois leva a uma reflexão das representações femininas nesse tipo de arte, analisando como a mulher é vista no meio social em diferentes épocas.

4. QUESTÕES DE GÊNERO E LITERATURA POPULAR NO UNIVERSO ESCOLAR

Após situarmos o contexto sobre as relações de gênero e compreendermos um pouco sobre a poesia popular em versos, vale ressaltar que trazer essas questões para o âmbito escolar não é tarefa fácil. Como despertar o interesse pela literatura, em especial a literatura de cordel em plena era da informática, em que os meios de comunicação de massa atraem um número cada vez maior de adeptos?

Para FREADMAN e MILLER (1994, p. 250) “A literatura é uma forma de comunicação; como tal, ela envolve alguém que comunica, alguém com quem ela se comunica e alguma coisa que é comunicada”. Diante disso, é necessário que o professor de literatura leve em consideração esse contexto de comunicação, valorizando a relação entre texto e leitor. Além disso, é preciso que o ensino de literatura seja contextualizado, e que não seja apenas uma mera reprodução de estilos de época ou apenas o conhecimento da teoria. Para MARTINS (2006, p. 87):

Abordar a literatura, tendo em vista noções de intertextualidade, interdisciplinaridade, transversalidade e intersemiose é, sem dúvida, uma premissa fundamental para que o aluno desenvolva uma compreensão mais crítica do fenômeno literário, sendo este inserido nas práticas sociais e culturais.

Nesse sentido, o texto literário deve ser trabalhado em sala de aula de modo que o aluno sintam-se estimulado a vivenciar as experiências que fazem parte de seu cotidiano, comparando sua realidade com outras, e seu contexto social com o de outras épocas. A literatura de cordel diante de suas características possibilita o diálogo entre a realidade e o texto literário, pois muitas de suas narrativas têm como base histórias reais, enquanto outras são de caráter fantástico, recorrendo a saberes mitológicos, propiciando várias formas de desenvolver trabalhos em sala de aula, o que desperta no aluno o interesse em conhecer de maneira mais aprofundada esta e outras artes.

Aproveitando as inúmeras possibilidades que a literatura de cordel oferece para o desenvolvimento de atividades em sala de aula, utilizamos esta como um instrumento para o estudo das relações de gênero, estabelecendo interfaces no ensino de literatura. A conexão

entre o texto de cordel e a realidade, nesse caso as relações de gênero, permite tornar a literatura popular motivadora e transformadora, contribuindo para a formação de alunos críticos e atuantes na sociedade em que vivem.

Para o desenvolvimento desse estudo, foram tomados como base os estudos das autoras Ana Cristina Marinho e Marcela C. Evaristo e dos autores Hélder Pinheiro e Mark J. Curran, dentre outros, todos, pesquisadores que compartilham suas experiências a respeito da literatura de cordel, contribuindo de modo significativo para a expansão e o reconhecimento dessa especificidade. Acrescendo esse diálogo, serão utilizados conceitos de Bonnie G. Smith, Mary Del Priore e Michelle Perrot, estudiosos das relações de gênero, que contribuíram de modo significativo para a compreensão da temática em estudo.

4.1- RELAÇÕES DE GÊNERO: DA REALIDADE A FICÇÃO

Sabemos que as questões de gênero sempre fizeram parte do imaginário popular. Diante das conquistas femininas que se consolidaram após séculos de lutas, o feminino ganha novo enfoque na ficção. Dependendo do contexto social e da época, a mulher assumia vários papéis: ora vassala, ora pérfida; ora prostituta, ora dona-de-casa. Com a emancipação feminina, os estereótipos passam a ser evidenciados, pois ou a mulher seria a Mãe = “santa” ou seria a prostituta ou mundana = “pecadora”. Nesse contexto, MORAES (1983, p. 70) afirma que:

.../ podemos pensar as relações horizontais (dona-de-casa/dependente e prostituta/traíçoeira) como correlatas, enquanto as verticais (dona-de-casa/prostituta e dependente/traíçoeira) são sempre conflituosas. Temos, pois, a mudança das personagens, mas não dos modelos básicos de relações e personalidade que lhes deram origem. .../. A inversão se dá então somente a nível da aparência, pois, no fundo, verifica-se que a estrutura é mantida exatamente naquilo que é o grande suporte ideológico do discurso patriarcal: a divisão de papéis femininos em dois perfis obrigatoriamente opostos .../.

Evidenciando a afirmação da autora, podemos notar que através da literatura o discurso falocêntrico vem à tona, pois as representações femininas, mesmo as emancipadas, sempre trazem ranços da sociedade patriarcal da qual fazem parte. A literatura de cordel, respeitando as características de seu gênero, dá ênfase aos acontecimentos que marcaram épocas, passa a enfatizar as manifestações culturais e estéticas que beneficiavam uma pluralidade de grupos.

Dentre as várias temáticas abordadas pelos cordelistas, estão as relacionadas ao universo multifacetado das relações de gênero. Associando o real e o imaginário, criando ou recriando personagens masculinos e femininos condizentes com a moral e os “bons costumes” de uma sociedade conservadora que tem como base a moral cristã, levando-nos a refletir sobre os papeis destinados a cada gênero na sociedade ao longo da história.

Os acontecimentos do cotidiano eram comparados às narrativas dos folhetos, aproximando realidade e ficção. Muitas histórias, narradas através da literatura de cordel, pareciam impossíveis de acontecer de fato, no entanto, os discursos presentes nas narrativas

são resultados da identidade coletiva. Logo, os folhetos transmitiam as normas e condutas aceitáveis ou não pela sociedade. Vejamos um trecho do folheto “*A moça que dançou depois de morta*” de J. Borges:

/.../

As mocinhas de hoje em dia
Vivem dentro da algazarra
Andam quase todas nuas
Só pensam em rock e farra
Sai de casa às 7 horas
Só volta ao quebrar da barra

E se os pais reclamarem
Elas dizem um palavrão
Não vão a missa nem rezam
Também não fazem oração
Só namoram cabeludo
Quem vive com um violão

/.../

Nessas estrofes é perceptível que o poeta faz críticas às mudanças de comportamentos da modernidade e aluda ao pensamento da sociedade da época. Outro aspecto interessante é que este também faz observações sobre o comportamento masculino nos versos “Só namoram cabeludo/ Quem vive com violão”, porém ao elaborar este discurso o foco é o comportamento feminino, pois o eu lírico faz crítica às mulheres que namoram homens com essas características. No decorrer da narrativa o poeta relata que a mulher que “Não gostava de Igreja/Nunca falou em casar” (BORGES, J. F., 2011, p.02), padecem mesmo depois de morta; nesses versos é visível o discurso da sociedade patriarcal que prega os valores de uma fé cristã, e, a mulher para não sofrer deveria ser “esposa e mãe, ‘divindade do santuário doméstico’” (PERROT, 1992, p. 179).

Além de exemplos de conduta feminina, os folhetos de J. Borges apresentam também a mulher como figura maligna. Este fato pode ser observado no folheto “*Exemplo da moça que viu o diabo*”:

Eu peço conforto a Deus
Rei dos Reis e Pai dos pais
para contar este exemplo
comovente até de mais
duma moça que um dia
pôde ver o satanaz

/.../

Essa moça de quem falo
numa fazenda morava
desobediente aos pais
muito nome feio chamava
e nunca escutou conselho
que a família lhe dava

As narrativas, que foram analisadas, de Leandro Gomes de Barros representam a mulher de variadas formas, começamos observando o ser feminino no folheto “História da Donzela Teodora”. Analisemos a estrofe inicial desse folheto:

“Eis a real descrição
Da história da donzela
Dos sábios que ela venceu
E a aposta ganha por ela
Tirado tudo direito
Da história grande dela.”

A partir desses versos é notável que o autor trata a mulher como um ser a frente de seu tempo, pois esta vence os desafios impostos pelos sábios. Uma mulher que transgride seu tempo, vejamos a estrofe 138:

“Ficaram todos os sábios
Daquilo impressionados
Pois uma donzela escrava
Vencer três homens letrados
Professores de ciências
Doutores habilitados.”

No entanto, é perceptível que em outros trechos dos poemas, o eu lírico (nesse caso, a donzela Teodora), realça que a beleza feminina esta em sua aparência, ressaltando que a mulher deve se parecer com a “Virgem de Nazaré”. Observemos este aspecto nas estrofes 71 e 74:

“Então a donzela disse:
- Para a mulher ser formosa
Terá dezoito sinais
Não tendo é defeituosa
A obra por seu defeito
Deixa de ser melindrosa
/.../
Terá partes pequenas
O nariz, boca e pé
Larga a cadeira e ombro
Ninguém dirá que não é
Cujos sinais teve-se todos
Uma virgem em Nazaré.”

Em a “História de princesa da Pedra Fina”, Leandro Gomes de Barros retrata a mulher com um ser fantástico, relacionando esta às princesas de conto de fadas. Nessa narrativa o autor se volta para as histórias mitológicas.

Compreendemos que poucos foram os folhetos analisados, porém a partir desses, podemos refletir sobre o papel da mulher na sociedade moderna e contemporânea, levando para sala de aula debates que visem esta discussão. Sendo este trabalho apenas um ensaio para pesquisas futuras, lembrando que é necessário um estudo mais acurado sobre as obras dos poetas analisados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de literatura nas turmas de Ensino Médio, abordado numa perspectiva transdisciplinar deve levar em consideração não apenas o estudo dos estilos de época ou teorias, mas deve ir além, levando em consideração o caráter artístico e o contexto histórico da obra.

Segundo RIBEIRO DA SILVA (2011, p.135), a literatura organiza “os sentimentos e a visão de mundo que temos, /.../ promovendo atitudes de confronto com nós mesmo ou com a realidade circundante”. Essa interface apresentada pela literatura deve ser aproveitada no contexto escolar. E a literatura de cordel como um gênero que faz a junção entre cultura popular e cultura literária possibilita seu estudo no âmbito escolar. Pois, a partir de sua variedade temática podemos refletir a respeito de questões socioculturais.

Aproveitando os assuntos propostos pela poesia popular em versos, daremos ênfase às questões relacionadas a gênero, pois a partir das reflexões feitas acerca desse assunto, podemos perceber como a sociedade retratava a mulher em diferentes épocas, e criavam os estereótipos que se perpetuaram ao longo da contemporaneidade.

Diante dessas discussões, iremos compreender os arquétipos construídos para o feminino ao longo da história e reconstruir atitudes que inibem o preconceito nos meios social e escolar. Contribuindo desse modo para a formação de cidadãos críticos, capazes de argumentar e levantar questionamentos, ressignificando os valores da sociedade.

REFERÊNCIAS

- AYALA, Walmir. **História da criação**. Rio de Janeiro: Memórias Futuras, 1993.
- BARROS, Leandro Gomes. **História da Donzela Teodora**. s/d.
- _____. **História da Princesa da Pedra Fina**. s/d
- BORGES, Jorge Francisco. **A moça que dançou depois de morta**. Bezerros/PE, s/d
- _____. **Exemplo da moça que viu o diabo**. Bezerros/PE, s/d
- BRANDÃO, Helena. **Gênero dos discursos na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica**. São Paulo: Cortez, 2001;
- DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo: condição feminina, maternidade e mentalidades do Brasil Colônia**. São Paulo: UNESP, 2009;
- _____. **A mulher na história do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1989.
- GALVÃO, Ana Maria Machado de Oliveira. **Cordel: leitores e ouvintes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- MARINHO, Ana Cristina, PINHEIRO, Hélder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

MORAES, Eliane Robert. **A musa popular brasileira**. Mulher Mulheres. Carmen Barroso e Albertina Oliveira Costa (org.). São Paulo: Cortez; Fundação Carlos Chagas, 1983.

RIBEIRO DA SILVA, Maria Célia. **Pesquisa em literatura**. Org. Hélder Pinheiro. Campina Grande: Bagagem, 2011.

ROSALDO, Zimbalist e LAMPHER, Louise (orgs.). **A mulher, a sociedade, a cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

SILVA, Maria do Rosário da. **Histórias ambulantes: cultura e gênero em folhetos de cordel**. Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2007. (Dissertação de mestrado em História)